

A ROÇA, O LIVRO E O CADERNO: A APROPRIAÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA POR UMA FAMÍLIA DE AGRICULTORES

LISIANE SIAS MANKE (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS), VANIA GRIM THIES (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS).

Resumo

Como parte de uma pesquisa mais ampla, que compreende estudos de doutoramento, este trabalho tem como objetivo analisar a trajetória de uma família de agricultores com forte inserção na cultura escrita. O patriarca, seu Henrique, com pouca escolarização, aos 90 anos de idade, sempre morou na zona rural do município de Pelotas/RS, é caracterizado por esta investigação como um “leitor forte”. Sua biblioteca particular é composta pelos mais variados livros, especialmente os de História, que foram sendo adquiridos ao longo dos anos. Seu Henrique afirma que à noite, com a luz de um lampião, era o momento em que ele lia e “lecionava os filhos”, durante a idade escolar destes. Dentre os doze filhos do casal, destacamos neste estudo o caso de duas filhas e três filhos, pelo uso que fazem da escrita. Os cinco são agricultores, a exemplo dos pais, possuem a 5ª série do ensino primário, e apropriaram-se de forma muito especial da prática da escrita ao registrarem diariamente as atividades realizadas no cotidiano rural. Assim, a elaboração de cadernos diários iniciou na casa paterna e teve continuidade, resultando na estreita relação que hoje estabelecem com a cultura escrita. Portanto, as fontes analisadas, a fim de compreender a inserção e a apropriação na/da cultura escrita por esta família, referem-se a entrevistas semi-estruturadas, a observações registradas em “caderno de bordo”, além de 24 diários disponibilizados pelos agricultores. Entre os autores que oferecem referencial teórico para investigação, podemos citar Bernard Lahire, quando buscamos compreender a pluralidade dos sujeitos singulares, e ainda, Roger Chartier, Castillo Gómez e Viñao Frago, entre outros. Entendemos que o estudo traz contribuições significativas ao campo da cultura escrita, na medida em que apresenta a prática da leitura e da escrita como práticas individuais que compreendem e correspondem a práticas socioculturais mais amplas.

Palavras-chave:

Cultura Escrita, Diários, Agricultores.

Introdução

Este trabalho parte de um projeto mais amplo que compreende estudos de doutoramento, voltados à investigação de práticas individuais de inserção e apropriação da cultura escrita por sujeitos vinculados à zona rural. Neste artigo, temos o objetivo de analisar as práticas socioculturais de uma família de agricultores a partir dos usos e apropriações que estes fazem da escrita e da leitura. Entre os autores que oferecem referencial teórico à investigação proposta, podemos citar Bernard Lahire (2002; 2004), quando buscamos compreender a pluralidade dos sujeitos singulares; Robert Darnton (1995) e Roger Chartier (2001a; 2001b), ao discutir a apropriação das práticas de leitura; e Castillo Gómez (2003), Britto (2005) e Viñao Frago (1999), como principais interlocutores dos estudos relacionados à cultura escrita.

A partir do subsídio teórico recém citado, trazemos para a discussão a trajetória de uma família de agricultores composta pelo pai, três filhos e duas filhas, os quais têm uma estreita relação com a prática de leitura e de escrita. Neste texto estaremos, portanto, evidenciando e analisando o material empírico correspondente

à trajetória de apenas três sujeitos dessa família - o pai e dois filhos -, moradores da zona rural do município de Pelotas e de Morro Redondo/RS, respectivamente, que relatam suas vivências cotidianas ligadas ao 'trabalho na roça', à 'leitura do livro' e às escritas no 'caderno diário'.

O patriarca, seu Henrique, aos 90 anos de idade e com pouca escolarização, fala com emoção da vida que construiu ao lado de sua esposa, já falecida. A lida na agricultura, as boas e más safras, o duro trabalho na chácara de pêssego, a chegada dos doze filhos do casal, as longas conversas com seu irmão, que versavam sobre "acontecimentos históricos", além dos "causos históricos" ligados à tradição oral, fatos estes narrados conforme o registro de sua memória. Seu Henrique é caracterizado nesta investigação como um "leitor forte", por ler constantemente e atribuir sentido sobre o texto lido, além de possuir um significativo número de livros. Sua biblioteca particular é composta por variadas obras, especialmente de História, que foram sendo adquiridas ao longo dos anos como uma necessidade vital, pois, conforme ele próprio afirma, a prática de leitura é algo fundamental para a formação do indivíduo. Dentre os doze filhos do casal, destacamos neste estudo, pelo uso que fazem da escrita, o caso de apenas dois.

Os dois sujeitos são agricultores, possuem a 5ª série do ensino primário e relacionam-se de forma muito especial com a prática da escrita, pois registram diariamente as atividades realizadas no cotidiano rural. Sendo incentivada por seu Henrique, a escrita de cadernos diários teve início na casa paterna, enquanto os filhos com ele residiam. Essa prática da escrita de diários[1] iniciou com o filho Aldo Schmidt[2], 61 anos, que há mais de três décadas (1972-2008) registra sua vida por escrito, embora tenha apenas o ensino primário. Posterior ao irmão, Clemer Schmidt, de 57 anos, também inicia a escrita de diários como uma forma de registro coletivo dos acontecimentos do dia.

A contribuição teórico-metodológica no campo da Cultura Escrita

Temos como foco principal, na investigação aqui proposta, a História da Cultura Escrita, analisada a partir do sujeito e de suas práticas. Para Castillo Gómez (2003), a história da cultura escrita é "resultado de uma tríplice conjugação: história das normas, capacidades e usos da escrita, história do livro e, por extensão, dos objetos escritos (manuscritos, impressos, eletrônicos ou qualquer outro suporte), e história das maneiras e práticas de leitura" (p. 97). Na perspectiva do autor, a História da Cultura Escrita "deve constituir o ponto onde confluam duas tradições que até então haviam percorrido caminhos paralelos: de um lado a história da escrita e de outro a história do livro e da leitura" (p. 97/98). Desse modo, consideramos que o conceito de cultura escrita é bastante amplo e envolve desde a leitura de um jornal, a escrita de um diário ou carta, até a produção literária, conforme o conceito problematizado por Chartier (2001):

Não se pode falar de uma cultura do impresso, da leitura dos livros impressos, sem antes situar essa prática ou esses objetos em um marco mais amplo, que é o que define em uma sociedade a cultura do escrito. E a cultura do escrito vai desde o livro ou o jornal impresso até a mais ordinária, a mais cotidiana das produções escritas, as notas feitas em um caderno, as cartas enviadas, o escrito para si mesmo, etc. [...] Na cultura do escrito há um *continuum* desde a prática da escrita ordinária até a prática da escrita literária (p. 84).

Portanto, dentre os estudos que envolvem a cultura do escrito, estão as investigações relacionadas à história do livro, das práticas de leitura e de escrita. Para Britto (2005, p. 15), cultura escrita caracteriza "um modo de organização social cuja base é a escrita", presente em nossa vida desde o nascimento até a morte. Nesse sentido, pertencemos a uma sociedade de cultura escrita, sendo importante ressaltar que as práticas de leitura e de escrita não estão necessariamente sempre relacionadas a práticas profissionais, legitimadas. No estudo em questão, por exemplo, os indivíduos escrevem e leem para satisfazer necessidades pessoais do cotidiano, dando sentido próprio a tais práticas. Na história da cultura escrita, as práticas de leitura e escrita não são separadas e estão relacionadas a práticas socioculturais.

Para Darton (1995), entre os temas que vêm sendo investigados, definir como os leitores assimilavam seus livros é um dos aspectos que oferece maiores dificuldades de estudo. As maneiras como se lia e como eram os processos de apropriação da leitura continuam a ser questionados, e pouco se sabe sobre o significado da leitura na vida humana. Como bem expressa Chartier (2001), o leitor, ao apropriar-se do texto, lhe atribui sentido próprio:

Cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria. Reencontrar esse fora-do-texto não é tarefa fácil, pois são raras as confidências dos leitores comuns sobre suas leituras. (p.20).

No mesmo sentido, Darnton (1995) afirma que a leitura e a vida, a interpretação dos textos e a compreensão da vida relacionam-se de forma significativa, (re)significando a vida humana. No entanto, analisar o sentido atribuído à leitura na vida de leitores comuns, não é tarefa fácil, segundo os autores citados.

Assim também se configuram as investigações sobre os usos socioculturais da escrita, os quais se apresentam de diferentes modos em espaços e grupos sociais diversos. Para o caso aqui analisado, destacamos as práticas de escritas ordinárias como meio de registrar o cotidiano. Segundo o conceito de Daniel Fabre (1993), a escrita de diários corresponde a escritas ordinárias, as quais não têm o objetivo de consagrar um autor ou uma obra. Possui, portanto, a função de deixar os traços do fazer (*laisse trace*) diário, opondo-se ao universo prestigiado da escrita literária e científica.

Assim, ao explorar os usos da leitura e da escrita dessa família, buscamos também ampliar o entendimento sobre os aspectos que tangem o campo da cultura escrita, visto que muitas vezes tais práticas não são reconhecidas socialmente, por não serem diretamente relacionadas a práticas escolares e/ou a práticas profissionais do emprego da leitura e da escrita.

O sociólogo Bernad Lahire (2002, 2004, 2005) oferece significativas contribuições teóricas ao propor investigações relacionadas a uma *sociologia à escala individual*, em que o social é abordado individualmente, ou seja, "o social refratado num corpo individual que tem a particularidade de atravessar instituições, grupos, campos de forças e de lutas ou cenas diferentes" (2005, p.14). Dessa forma, o pesquisador deve focalizar o indivíduo e, a partir da compreensão de suas formas incorporadas e interiorizadas, alcançar a realidade social, uma realidade relativa ao indivíduo que compreende o social. Assim, o indivíduo é evidenciado como produto complexo de diversos processos de socialização.

Ao compreendermos a leitura e a escrita como uma prática sociocultural, reconhecemos o indivíduo como propulsor de tais práticas sociais. Sendo assim, o sujeito singular no campo social deve ser analisado a partir de sua pluralidade interna, como meio de compreender suas ações e reações sociais. Desse ponto de vista, o estudo na escala individual deve "ser capaz de responder a interrogações do dia-a-dia, leigas, mas essenciais, quanto à vida dos indivíduos em sociedade" (LAHIRE, 2005, p.36).

Na investigação proposta, a entrevista apresenta-se como um significativo instrumento de coleta de dados, associada a observações realizadas durante as próprias entrevistas e a materiais escritos disponibilizados pelos depoentes. Assim, todos os dados são avaliados e considerados, desde os arquivos pessoais aos relatos que o sujeito constrói sobre a sua vida pessoal. Portanto, as fontes analisadas são: seis entrevistas semi-estruturadas - quatro com o Senhor Henrique e uma com cada um dos filhos -; observações registradas no "caderno de bordo" das pesquisadoras; e treze diários. Do total de diários, dez foram escritos por Aldo (de 1972 a 2004) e três escritos por Clemer (de 1975 a 1980). É, portanto, a partir desse material, que passamos às problematizações.

O patriarca: um leitor forte

Seu Henrique é um agricultor que se dedicou especialmente à produção de pêssego, pai de doze filhos, atualmente viúvo e morador na zona rural do município de Pelotas/RS. Cursou até o terceiro ano do ensino primário, entretanto, afirma que a alfabetização possibilitou-lhe a inclusão no mundo das letras e ofereceu-lhe a condição de leitor. A influência familiar lhe parece determinante no processo de aproximação com a cultura escrita. Seu pai, também agricultor, ensinou as primeiras letras para os filhos antes mesmo de irem à escola. À noite, era o momento de sua mãe preparar a refeição para a família, e o pai "lecionar os filhos", conforme a expressão de seu Henrique, prática que foi conservada por ele quando formou sua própria família. Assim como fazia seu pai, seu Henrique afirma que à noite, à luz de um lampião, dedicava-se à leitura e ao ensino dos filhos, ao mesmo tempo em que descansava da longa jornada de trabalho na lavoura. Para Michèle Petit (2008), no meio rural, onde os interditos são impositivos, o exemplo dos pais é fundamental, "seja qual for o nível sociocultural, a maioria dos que lêem viu ou ouviu alguém ler durante a infância e manteve essa tradição familiar" (p.142).

A trajetória de vida de seu Henrique foi marcada pelo serviço militar obrigatório: onze meses e quinze dias serviu ao exército brasileiro, sendo uma das recordações muito evidenciadas em seus relatos. As lembranças desse período provocam o seguinte comentário: *Eu não prezo muito as leituras que vêm dos militares, o militar é o esteio da nação, mas eu não apoio o militar porque ele tá preparado para matar e morrer.* Além do período em que esteve no Exército, seu Henrique foi convocado novamente para acompanhar a força expedicionária brasileira na Europa, durante a Segunda Guerra Mundial. Essa relação com o serviço militar é bastante relacionada às leituras que realiza, provocando longos comentários, nos quais se cruzam as vivências pessoais e a apropriação das leituras que realiza.

O gosto pela política partidária lhe motiva também a ler fatos sobre a história política do Brasil. Partidário de Getúlio Vargas, está fortemente convicto de que este foi o melhor presidente que o Brasil já teve, referindo-se ao período ditatorial de Vargas como algo necessário e positivo para o Brasil. Afirma que já realizou

diversas leituras sobre o assunto, as quais se somam à sua experiência de vida. Ao afirmar *eu vi, ajudei*, relata paralelamente *eu li*, apresentando alguns dos livros lidos. Esse fato demonstra a relação estreita que se estabelece entre as leituras realizadas e o conhecimento adquirido através das relações socioculturais em que está inserido. Assim, observamos que os acontecimentos históricos registrados nos livros são colocados em contraponto com as memórias e os relatos orais sobre o passado, o que aponta para uma prática específica de leitura, em que as vivências vinculam-se à apropriação das leituras por ele realizadas.

Para Chartier (2001), o leitor, ao apropriar-se do texto, atribui-lhe sentido próprio, a partir de suas referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais. Assim, Chartier (1988) conceitua apropriação da seguinte forma: "A apropriação, tal como a entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem" (p.26).

Portanto, ao analisarmos a apropriação das práticas de leitura, devemos observar as práticas discursivas que a produzem, considerando a inserção do leitor em práticas socioculturais específicas.

A inserção de seu Henrique na cultura escrita, como um leitor que interpreta e dá vida aos textos lidos, influenciou a história familiar. Seus filhos aprenderam desde a infância a valorizar e reverenciar a cultura escrita. É de seu Henrique que vem o incentivo para que os filhos registrem o dia-a-dia das atividades cotidianas da família. Esse "legado cultural" que passa de pai para filhos/as faz com que as novas famílias que foram estruturadas após o casamento dos filhos conservem a prática de escrita de cadernos diários, outrora iniciada na casa paterna.

Os filhos escritores

Conforme nos indica Chartier (2007, p. 9), a escrita permite "fixar traços do passado, trazer as lembranças dos mortos ou a glória dos vivos". Para o autor, historicamente a escrita teve "por missão conjurar contra a fatalidade da perda". No intuito de não deixarmos nada se perder, problematizamos os diários de agricultores que, através de seus registros, ressignificam sua história, realizando observações importantes quanto ao trabalho da lavoura, ao tempo e clima, ao lazer e ainda aos acontecimentos pessoais e sociais da vida comunitária. Apresentamos, então, o perfil de dois dos doze filhos de Seu Henrique, que escrevem ou escreveram diários em algum período de suas vidas.

Perfil de Aldo

Aldo Kohls Schmidt (61 anos) é um pequeno agricultor, morador da zona rural do município de Pelotas (RS), na Colônia Santo Antônio, situada no 7º distrito. É casado e tem dois filhos, os quais atualmente trabalham na lavoura, ajudando-o nas atividades.

Os diários de Aldo correspondem a dez cadernos (1972 a 2004) somando um total de trinta e dois anos de escritas consecutivas.

Aldo Schmidt, segundo filho mais velho, iniciou a escrita de diários no ano de 1972, especificamente na data em que completava 25 anos. Residiu com seu pai e os irmãos na Colônia Santa Áurea, também município de Pelotas (RS). Na entrevista realizada com Aldo (08/02/2007), ele revelou o que sente em relação aos diários com uma simples frase: *aqui está toda a minha vida*, deixando sobre a mesa os onze cadernos escritos. Ao dizer isso, Aldo atribui um sentido para sua prática de escrita: deixar a sua vida por escrito. Aldo institui um significado para a "escrita de si" e jamais delega essa tarefa para a esposa ou para os filhos, por exemplo. Para ele, o diário é um "ato biográfico", pois dá um significado especial para algo que está diretamente relacionado à sua vida: a prática da escrita.

O começo da escrita compõe-se de algumas páginas rememorando sua infância e os principais fatos de sua vida até a idade dos vinte e cinco anos, em julho de 1972. Dessa forma, Aldo narra a sua vida até, como ele próprio diz, *os seus 25 verões*. Com isso, toma "distância de si mesmo" para enxergar-se, produzir-se enquanto sujeito pertencente ao mundo rural. Escreve com as mãos calejadas pelo arado, pela enxada que cava a terra, assim como a caneta marca sua escrita no diário. Escreve para trazer o passado vivido para o presente.

É importante enfatizar que Aldo registra seus "25 verões" e 32 anos de vida nos seus dez diários sem deixar a escrita sequer por um dia. Dessa forma, a escrita é uma herança para sua família, pois Aldo afirmou, em entrevista do dia 08/02/2007, que seu filho mais velho já começou a dedicar-se à escrita de diários.

Perfil de Clemer

Clemer Kohls Schmidt tem quatro filhos, sendo dois homens (gêmeos), uma filha e um filho caçula. O agricultor, que se utiliza do trabalho coletivo da sua família para o cultivo das lavouras, também planta nas terras que pertencem a sua esposa Hilma. Essas terras, porém, ficam distantes alguns quilômetros do local onde mora.

Clemer escreveu diários na casa paterna enquanto solteiro, no período de 1975 a 1980, porém, diferentemente do irmão Aldo, os diários escritos por Clemer representam uma prática coletiva da família, pois não eram apenas dele, mas sim ele era o responsável pela escrita do dia. O objetivo não era a privacidade e sim a coletividade através do registro dos acontecimentos do dia. Era uma forma de organizar o mundo da família, conforme as ocupações daquele dia. Também é importante ressaltar o fato de que, quando Clemer constituiu nova família com o casamento e saiu da casa do pai, os demais irmãos que permaneceram na casa paterna continuaram esses registros. Isso demonstra que os diários escritos por Clemer têm um sentido diferente dos diários do irmão Aldo: registrar o que aconteceu no dia de maneira coletiva. Os diários de Clemer correspondem a três diários escritos entre o ano de 1975 e 1980.

Anexo 1

Figura nº 1 - Capa do terceiro caderno do diário de Clemer (período de 1978/1980)

Ao observar a capa do terceiro caderno, vários elementos podem ser evidenciados, sendo reveladores de aspectos interessantes da escrita em estudo. O nome dos dois irmãos - Clemer e Cledinei (Nei) - deixa subentendido que um é o autor principal e outro o "secretário", conforme está escrito nos dados de identificação do caderno. Aparece também um número, provavelmente de algum documento relacionado à propriedade rural, seguido da profissão: "curso" agricultor. Além disso, há frases[3] como: "Você tem o direito lute por ele", "Falamos, mas falamos de mim", "Antes de falar de mim lembra do teu passado", "Não pare no tempo" e "Recordar o passado é sofrer duas vezes". Talvez sejam essas frases reflexos da juventude da época (1978/1980) e do "desejo" de produzir a própria identidade. Outro aspecto que pode ser analisado são as iniciais do dia da semana que acabaram transformando-se em novas palavras: sego, terra, quase, quita, sexo, sabe, doma. Isso demonstra a criatividade da escrita, fazendo com que as abreviaturas se transformassem em novas palavras.

É necessário pensar que a escrita de Clemer na capa do caderno é um registro "descomprometido" que permite associar letras a novas palavras, escrever frases ou pensamentos. Pensando no "peso" cultural do caderno, podemos nos apoiar em Hébrard (2000, p.42), segundo o qual, "é no caderno que o estudante aprende a escrever, e o caderno continua sendo um suporte de escrita suscetível de usos variados". O caderno não serve, portanto, apenas para o estudante, embora, "nos cadernos, sucessivas gerações, ou ao menos uma parte delas, assimilaram e aprenderam as pautas reguladoras do uso da escrita e, em definitivo, do espaço gráfico" (Viñao Frago, 2008, p. 16). Para o caso de Clemer, por ser uma escrita fora do ambiente escolar, ele se permite recriar outras formas para a escrita na capa de seus diários.

Considerações Finais

Trabalhar com as práticas de leitura e escrita desses agricultores revela outros espaços e outras instâncias, desvelando alguns "mitos" da zona rural e evidenciando que tais práticas são tratadas pelos agricultores como um bem precioso. As práticas dos irmãos escritores, sujeitos com pouca escolaridade, nos fazem repensar sobre as diversas funções da escrita em nossa sociedade: escrita como estratégia de memória, como organização do pensamento, como correspondência, escrita *da* e *na* vida, registro do que se fez ou do que se fará no dia. Da mesma maneira, as práticas de leitura evidenciadas relacionam-se com experiências cotidianas, dando sentido às memórias e vivências que marcaram de alguma forma uma trajetória de vida e que são relacionadas a acontecimentos registrados nos livros de História.

Podemos observar que há, na família Schmidt, um grande "*patrimônio do escrito*", que procura ressignificar as práticas de escrita e de leitura. A escrita serve, além de tudo, para a vida, na qual pai e filhos constroem uma identidade para si. É uma prática específica, em que o uso da escrita e a apropriação da leitura trazem a certeza da existência e da permanência através das palavras. Entendemos, portanto, que o estudo traz contribuições significativas ao campo da cultura escrita, na medida em que apresenta a prática da leitura e da escrita como práticas individuais que compreendem e correspondem a práticas socioculturais nem sempre legitimadas. Assim, tornam-se visíveis outras dimensões para o uso da leitura e da escrita em contextos não profissionais, não formais, ou seja, lê-se para compreender a si mesmo; escreve-se para deixar sua vida por escrito, para tornar o passado mais presente.

Referências Bibliográficas:

BRITTO, Luiz Percival Leme. Letramento e Alfabetização: implicações para a Educação Infantil. *In*: FARIA, Ana Lúcia Goulart de & MELLO, Suely Amaral (Orgs.). **O mundo da escrita no universo da pequena infância**. Campinas: Autores Associados, p. 5 - 21, 2005.

CASTILLO GOMÉZ, Antonio. Historia de la cultura escrita: ideas para el debate. **Revista Brasileira de História da Educação**. *SBHE*, n. 5. São Paulo: Autores Associados. jan. / jul. p. 93 - 124, 2003.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1988.

CHARTIER, Roger. Leitura e Leitores "Populares" da Renascença ao Período Clássico. *In*: CAVALLO, Guglielmo, CHARTIER, Roger. **História da Leitura no Mundo Ocidental**. São Paulo: Ática, 1998.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: Artmed, 2001a.

CHARTIER, Roger (org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001b.

CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar. Cultura Escrita e literatura**. São Paulo: UNESP, 2007.

DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

FABRE, Daniel (Org.). **Écritures Ordinaires**. Paris, Centre Georges Pompidou, *Bibliothèque Publique d' Information*, p. 11-94, 1993.

GINZBURG, Carlo. **O Fio e os Rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HÉBRARD, Jean. Por uma escritura material das escritas ordinárias. A escrita e seus suportes. *In*: MIGNOT, Ana Crystina Venâncio. BASTOS, Maria Helena Câmara. CUNHA, Maria Teresa Santos. (org.). **Refúgios do Eu: Educação, História, Escrita Autobiográfica**, Florianópolis: Mulheres, 2000.

LAHIRE, Bernard. **Homem plural: Os determinantes da ação**. Petrópolis: Vozes, 2002.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos: Disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAHIRE, Bernard. **Patrimônios Individuais de Disposições: para uma Sociologia à Escala Individual**. *Sociologia, Problemas e Práticas*. N.º 49, p.11-42, 2005.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Ed. 34, 2008.

THIES, Vania Grim. **Arando a terra, registrando a vida**: os sentidos da escrita de diários na vida de dois agricultores. 2008. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação/Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2008.

VIÑAO FRAGO, Antonio. **Leer y Escribir: historias de dos prácticas culturales**. México: Fundación Voces y Vuelos, 1999.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, Ana Cristyna Venâncio (org), **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

[1] A escrita de diários é o tema da pesquisa de dissertação de mestrado defendida no PPGE da FaE/UFPel, sob o título *Arando a terra, registrando a vida: os sentidos da escrita de diários na vida de dois agricultores* (THIES, 2008).

[2] A utilização do nome e dos dados pessoais contidos no texto foi negociada, dialogada e autorizada por escrito com os sujeitos.

[3] Todas as citações retiradas dos cadernos foram mantidas com a escrita original.